

A METADISCURSIVIDADE NA MUDANÇA DE *FOOTING*

Bruna Wysocki

RESUMO: A proposta deste trabalho é observar, numa entrevista televisiva, marcadores metadiscursivos indicadores de mudança de *footing*. Para atingirmos nossos objetivos, consideramos os estudos da Análise da Conversação e da Sociolinguística Interacional com a finalidade de explicarmos conceitos como *footing*, enquadre, esquema, pistas de contextualização, formatos de produção, encaixamento e metadiscorso.

Palavras-chave: metadiscursividade, *footing*, interação.

ABSTRACT: *The purpose of this work is to observe, in a television interview, markers metadiscursive indicators of footing. To achieve our goals, we have used the study of Conversational Analysis and Interactional Sociolinguistics in order to explain concepts such as footing, frame, scheme, contextualization cues, production formats, embedding and metadiscourse.*

Keywords: *metadiscursivity, footing, interaction.*

Considerações iniciais

Os participantes de uma interação precisam entender o que está sendo encenado e qual o sentido utilizado pelos falantes àquilo que dizem, ou seja, é necessário enquadrar o evento. O termo enquadre é utilizado por Goffman (2002) ao definir *footing* como o modo em que os interactantes enquadram e negociam as relações interpessoais de um evento. Assim, quando ocorre uma mudança no *footing*, ocorre também uma mudança no alinhamento e no enquadre de um evento.

Com a contribuição da Linguística e da Sociologia, Goffman (2002) explora as bases estruturais para explicar as mudanças de *footing*. O autor aborda noções de estrutura de participação e formato de produção e recorre às bases linguísticas, como pistas e marcadores, para entendermos o funcionamento do *footing*.

Entre essas pistas e marcadores estudados pela Linguística, destacaremos as ocorrências de metadiscursos nas interações face a face, tomando por base os estudos de Jubran (1999) e Risso (1999) sobre metadiscursividade.

A fim de podermos estudar a metadiscursividade como um traço lingüístico capaz de marcar uma mudança de *footing*, será necessário primeiramente entender seu funcionamento e conhecer conceitos como: pistas de contextualização, enquadres, esquemas, estruturas de participação, formatos de produção e encaixamentos.

1. Pistas de contextualização

Para entender os objetivos do locutor ao produzir uma elocução, o interlocutor precisa reconhecer marcas no discurso que sinalizem a mudança de *footing*, chamadas, por Gumperz (2002:152), pistas de contextualização, e assim entendidas:

(...) é através de constelações de traços presentes na estrutura da superfície das mensagens que os falantes sinalizam e os ouvintes interpretam qual é a atividade que está ocorrendo, como o conteúdo semântico deve ser entendido e como cada oração se relaciona ao que se precede ou sucede. Tais traços são denominados *pistas de contextualização*.

É possível dizer, a partir do exposto, que os participantes de uma interação verbal utilizam pistas de natureza sociolinguística tanto para sinalizarem seus propósitos comunicativos, quanto para inferirem os propósitos conversacionais de seus interlocutores. São pistas linguísticas, as alternâncias de código, de dialeto ou de estilo, as escolhas lexicais e sintáticas, expressões pré-formuladas, aberturas e fechamentos conversacionais; pistas paralinguísticas, o valor das pausas, o tempo da fala, as hesitações; pistas prosódicas, a entoação, o acento, o tom; e pistas não-verbais, o direcionamento do olhar, o distanciamento entre os interlocutores e suas posturas, os gestos.

Dessa forma, consideraremos que o *footing* só pode ser identificado pelo interlocutor se este perceber as pistas linguísticas sinalizadas pelo locutor, as quais o conduzirão a interpretar o contexto em que ocorre o evento.

2- O esquema e o enquadre

Entre os autores que se preocuparam com os elementos estruturais da situação de fala, destacamos Gregory Bateson (2002) e seus estudos sobre enquadres, Deborah Tannen (1983), que trabalhou com as questões relacionadas à construção e interpretação de significados e Goffman (2002), com seu conceito sobre *footing* e rituais conversacionais.

Para Bateson (2002), os interlocutores estão preocupados em identificar sinais que contextualizam os enquadres, a fim de que possam fornecer uma resposta adequada à situação presente e contribuir com mais eficiência na construção da comunicação em curso - para identificarmos se um enunciado é uma brincadeira ou uma ironia, precisamos identificar pistas, durante a interação, que possibilitem a interpretação de acordo com as intenções do locutor; porém, nem todas as pistas servem para interpretar um evento – é o caso da ironia, em que o sinal verbal pode não dar pistas ao interlocutor de que a situação não deve ser entendida como uma brincadeira.

Dessa forma, para entendermos se o enunciado é, de fato, uma brincadeira, ou ironia, precisamos selecionar, entre os sinais, aqueles que devem ser incluídos e atuam como premissas para a interpretação de um evento. Esses sinais constituem metamensagens que, implicitamente, fornecem instruções de como o interlocutor deve interpretar e/ou produzir um enunciado. O enquadre seria, dessa maneira, o resultado do uso de premissas ou metamensagens que orienta a compreensão do enunciado.

Tannen (1983) considera que o enquadre, enquanto resultado de premissas, também deve ser o resultado de conhecimentos prévios compartilhados. A autora propõe o conceito de estruturas de expectativa, isto é, conhecimentos adquiridos pelas pessoas através de experiências anteriores e que são compartilhados em determinada sociedade. Esses conhecimentos compartilhados é que nos possibilitam realizar associações e inferências sobre pessoas e acontecimentos durante uma interação.

Tannen e Wallat (2002) distinguem duas estruturas de expectativas: os enquadres interativos e os esquemas de conhecimento. A primeira categoria, enquadre interativo, refere-se à interpretação feita pelo interactante, a respeito do que acontece em uma interação; ocorre quando

um interactante constrói o sentido referente ao que está sendo feito em uma interação. A noção interativa de enquadre refere-se “à percepção de qual atividade está sendo encenada, de qual sentido os falantes dão ao que dizem” (op. cit, p. 198)

A segunda categoria, “estrutura de conhecimento”, conhecida como esquemas, refere-se às expectativas dos interactantes em relação às pessoas, objetos, cenários e modos de interação. É o conhecimento de experiências anteriores que auxiliam no entendimento do significado de uma elocução. Essas experiências anteriores é que nos possibilitam preencher informações não proferidas no enunciado.

Nas interações, os interactantes estão sempre propondo ou mantendo enquadres, que orientam e organizam o discurso em relação ao contexto. Isso nos permite observar que há uma ligação entre os esquemas (esquemas de conhecimento) e os enquadres interativos, pois o interactante precisa estabelecer relações entre o enquadre definido em determinada interação e seus conhecimentos adquiridos em experiências anteriores (esquemas), para que possa, enfim, interpretar o que está sendo comunicado.

Desta forma, é possível afirmar que através das pistas de contextualização o interlocutor poderá perceber qual sentido o locutor atribui à mensagem, ou seja, qual o enquadre deverá atribuir a determinado evento e qual será sua postura, seu alinhamento na produção discurso.

3- As bases estruturais do *footing*

Ao discutir o conceito de *footing*, Silva (2003:188) o define como uma questão situacional presente na interação e que designa “a sinalização das mudanças na projeção de identidade ou na orientação dos participantes em relação uns aos outros e em relação ao processo interacional”.

Sendo assim, o *footing* é um alinhamento, uma postura, uma projeção pessoal em relação ao outro interactante, a si mesmo e ao discurso em construção (Goffman, 2002). Uma mudança do *footing* acarreta uma mudança no alinhamento assumido pelos interactantes, expressa na maneira como conduzimos a produção ou a recepção de uma elocução, isto é, ao detectarmos uma mudança de *footing*, encontramos também uma mudança no enquadre.

Entendido desse modo, constituem o aspecto dinâmico dos enquadres e, principalmente, a sua natureza discursiva. Numa situação face a face, os *footings* são “introduzidos, negociados, ratificados (ou não), co-sustentados e modificados na interação.” (op. cit:107)

Assim, cada enquadre interativo faz com que o interactante estabeleça um *footing* distinto, isto é, os participantes de uma interação procuram um alinhamento para si e para os outros participantes, conforme o enquadre estabelecido. Se houver uma mudança de enquadre, esses participantes precisam se alinhar novamente, de acordo com a nova situação estabelecida, ou seja, precisam provocar um *footing*.

Para analisar as mudanças de *footing*, Goffman (2002) identifica suas bases estruturais: a estrutura de participação, o formato de produção e o conceito de encaixamento.

Um indivíduo que fala pode desempenhar papéis ou funções em relação aos outros participantes da interação. Porém, segundo Goffman (2002), os conceitos falante e ouvinte não são suficientes para explicar as posições de participação e a complexidade dos papéis comunicativos. Assim, ao tratar da estrutura de participação, aborda questões ligadas ao ouvinte, e o formato de produção constituirá as questões relacionadas ao falante.

Na estrutura de participação, o indivíduo poderá participar da interação como um ouvinte ratificado (aquele que faz parte da interação) ou não-ratificado (que não faz parte diretamente da interação). Entre os ratificados, há três tipos de status: ouvinte endereçado (a quem a fala é dirigida diretamente), ouvinte não-endereçado (a quem a fala não é dirigida especificamente, mas tem status participativo) e platéia (conjunto de ouvintes em contextos institucionais).

O formato de produção é constituído pelos conceitos de animador (quem produz sonoramente o texto), autor (quem produz o conteúdo do texto) e responsável (quem delimita sua posição em relação ao texto).

É importante notar que essas posições estruturais podem se alterar, pois em uma interação com mais de duas pessoas, alguns de seus participantes podem iniciar uma “comunicação subordinada”, ou seja, uma conversa próxima ao local em que acontece a “comunicação dominante”. Goffman (2002) apresenta três possibilidades: “jogo paralelo” (entre participantes ratificados), “jogo cruzado” (entre participante ratificados e não-ratificados) e “jogo colateral” (palavras murmuradas entre participantes não-ratificados).

A possibilidade de alternância dessas posições contribuirá para que os participantes de uma interação percebam a mudança de *footing*: uma nova projeção de identidade será realizada. Porém, essas estruturas e formatos só contemplam questões sociológicas de uma base estrutural para a análise de *footing* e, para que possamos proceder a um estudo lingüístico que englobe também questões do caráter auto-referencial e independente do discurso, Goffman (2002: 136) propõe um exame dos encaixamentos nas construções dos enunciados.

Segundo esse estudioso, ao analisar as variações nos formatos de produção, o animador, em seu discurso, pode citar o que ele próprio disse, ou o que uma outra pessoa disse, em um momento sobre o qual se está falando. Nesses casos, encontramos dois animadores: um que anima os sons ouvidos, quando ocorre o discurso, e um “animador encaixado”, ou seja, uma “figura” encaixada no discurso pertencente ao “universo sobre o qual se está falando”(Goffman, op. cit:139).

Logo, quando optamos por citar em nosso discurso o que foi dito por outra pessoa, provocamos uma mudança em nosso *footing*: “Pois, obviamente, quando em vez de dizermos algo nós mesmos, optamos pelo relato do que o outro disse, estamos mudando nosso *footing*.” (Goffman, 2002:141)

4- A metadiscursividade como recurso textual-interativo

O metadiscurso caracteriza-se por ser um discurso que se torna evento e objeto de menção, fazendo referência ao próprio processo discursivo. Assim, ele constitui uma propriedade auto-reflexiva da linguagem, ou seja, ele promove uma integração entre enunciado e enunciação.

Ao mesmo tempo em que produz o próprio discurso, resultado da interação verbal entre interlocutores, realiza também uma menção à atividade lingüístico-textual-interativa, designando-a e qualificando-a numa referência interna ao “fazer” discursivo. (Risso, 2000: 104). Segundo a autora:

Na sua condição de discurso auto-referente, pela tomada de elementos discursivos como objeto de enfoque, o metadiscurso entra, na composição do texto, em pauta diferenciada da estrutura essencialmente informacional dos

tópicos: como manifestação explícita de controle do uso da linguagem, projeta, no produto verbal, a instância produtora e o desenvolvimento emergencial do processamento formulativo, em situação comunicativa concreta.

Por serem estabelecidos na integração entre o enunciado e enunciação, os enunciados metadiscursivos operam no âmbito da atividade enunciativa, em que evidenciam momentos de processamento verbal na interação, estabelecem-se como elementos de antecipação, avaliação e comentários da produção discursiva (Risso e Jubran, 1998).

Tomando por base o trabalho desenvolvido pelas autoras, apontamos para algumas características e funções atribuídas aos enunciados metadiscursivos:

- a- controla o comportamento verbal do interlocutor
- b- aponta para as instâncias produtoras do discurso
- c- controla a atividade discursiva, suspendendo temporariamente o fluxo informacional
- d- atua como procedimentos típicos de qualificação, envolvendo avaliações e comentários
- e- explicita uma direção argumentativa
- f- auxilia na preservação da faces
- g- oferece pistas para a identificação e caracterização do papel discursivo do locutor

De acordo com os estudos de Borillo (1985), existem três modalidades de intervenção do metadiscurso: a que faz referência ao discurso para especificar aspectos do código em uso na construção do texto, a que se refere ao discurso como fato enunciativo, e a que se refere ao discurso enquanto construção de enunciados.

O metadiscurso, como recurso-textual interativo, mobiliza conhecimentos sociocognitivos e interacionais durante uma interação verbal e desenvolve várias funções de ordem cognitiva, organizacional, discursiva-argumentativa e interacional.

A metadiscursividade é explicitada no texto através dos marcadores metadiscursivos que, por sua vez, podem ser utilizados para determinar um enquadre, ao indicarem aos interactantes pistas de como devem compreender o que será enunciado a seguir.

Isso nos possibilita estudar a metadiscursividade como um indicador de mudança de *footing*, ao considerá-la um elemento que provoca um enquadramento. De fato, quando um discurso possui em seu conteúdo referências a outro discurso, o locutor produz um novo

enquadre, uma nova situação em que os participantes da interação precisam se alinhar para poderem interpretar o novo contexto.

5- A metadiscursividade e a mudança de *footing*

A metadiscursividade revela-se como um recurso que pode ser utilizado, estrategicamente, para valorizar ou desvalorizar um discurso alheio, na interação entre interlocutores que possuem diferentes opiniões. Ao ser utilizado, ele marca um alinhamento do locutor de acordo com o enquadre pretendido.

As mudanças de *footing* podem ocorrer quando se altera o *status* participativo dos interactantes ou quando ocorrem os chamados encaixamentos (Goffman, 2002). Entendemos que a metadiscursividade, como um traço lingüístico, está associada aos encaixamentos que inserimos em nossas elocuções.

Conforme Hilgert (2006:184), “na construção do texto falado, o falante assume dupla função enunciativa: ele é aquele que enuncia e, ao mesmo tempo, mantém-se atento a seu dizer, fazendo, em diferentes pontos da evolução do discurso, observações sobre o dizer.”

Podemos, então, entender que a heterogeneidade das enunciações revela-se nas construções metadiscursivas que são utilizadas pelos interactantes, com diferentes finalidades e características. Temos, assim, um locutor que produz o enunciado e um outro que analisa, interpreta, avalia, comenta o dizer ou observa as palavras utilizadas.(op. cit:164)

Dessa forma, os encaixamentos são manifestações explícitas dessa heterogeneidade enunciativa: quando apontamos em nossa fala o discurso produzido em um outro enunciado, indicamos de quem é o discurso inserido ao projetarmos nele uma figura encaixada, “eu”, ou uma terceira pessoa, “ele”.

Logo, se introduzimos um discurso alheio no nosso próprio discurso, precisamos promover um realinhamento, um *footing*, em função do novo enquadre que pretendemos construir, como poderemos observar na análise do *corpus*, a seguir.

6. Análise do *corpus*

A metadiscursividade como indicadora da mudança de footing será analisada em trechos de uma entrevista televisiva transmitida, em 1998, pelo SBT, no Programa Livre. O entrevistado, identificado como locutor 1 (L1), é o ex-presidente do Brasil, Fernando Collor de Melo, que pretendia candidatar-se à Presidência da República depois de afastado pelo *impeachment*, no ano de 1994. Os entrevistadores, identificados como locutores 3 (L3), 4(L4) e 5(L5), são adolescentes que participam da platéia e são escolhidos pelo mediador, Sérgio Groisman, identificado como locutor 2 (L2), para elaborarem suas perguntas face a face com o entrevistado.

No primeiro exemplo, o discurso dos “líderes da oposição” torna-se objeto de menção do discurso do entrevistado e é utilizado como um argumento de autoridade. O marcador metadiscursivo “quer dizer” indica um realinhamento de L1 que, logo a seguir, deixa de se projetar no discurso como “eu”, para citar o discurso de uma outra pessoa “isso foi dito pelos os líderes da oposição”.

(Exemplo 01)

L1: não sem dúvida se *eu* tivesse maioria no Congresso nacional... jamais... teria acontecido o chamado impeachment... e *isso não foi dito por mim quer dizer isso foi dito pelos líderes inclusive da oposição...* (...)

No segundo exemplo, L2 constrói seu discurso a partir da fala do entrevistado. Primeiramente, relata o que foi dito por Collor para, em seguida, concluir: “o senhor tá se referindo a maioria do congresso”. Para o entrevistado, L1, as pessoas responsáveis pelo seu *impeachment* foram “quatro ou cinco gatos pingados”; para L2, essas pessoas constituem a “maioria do Congresso”. Há, portanto, diferentes esquemas que resultam na mudança de enquadre provocada por L2 e no realinhamento de L1 de acordo com o novo enquadre sugerido: “me refiro/quer dizer é uma força de expressão”.

(Exemplo 2)

- L2: agora...é ...quando *quando* ((*aplausos*)) *quando o senhor fala* ((*pausa prolongada*)) *quando o senhor fala quatro ou cinco gatos pingados... o senhor tá se referindo a maioria do congresso* naquele momento... **TAMBÉM** eleito pelo povo assim como o senhor
- L1: sem dúvida *sem dúvida/me refiro/quer dizer é uma força de expressão... eu me refiro ah:: ao congresso nacional comandado... por este que eu já falei o nome... e que em nome de 35 milhões... né... tomaram aquela atitude sem terem autoridade moral para isso (...)*

Assim, no momento em que o entrevistado (L1) compromete-se com sua fala, inserida no discurso de L2, observamos a ocorrência do *footing*: por meio da metadiscursividade, L1 reenquadra o que foi dito de acordo com o novo enquadre proposto por L2 (“me refiro/quer dizer”).

Importante notar também, no exemplo 02, que L2 muda seu status participativo de platéia (conjunto de ouvintes ratificados a quem a fala é direcionada) para ouvinte ratificado endereçado (aquele a quem a fala é dirigida especificamente)¹. Ao mudar o seu *status*, L2 deixa de ser um mediador e transforma-se em entrevistador, alinhando-se, portanto, de acordo com o novo enquadre criado.

No exemplo 03, a seguir, L1 projeta-se no discurso através da primeira pessoa “me permitam dizer isso”, “mas deixa eu dizer... deixa/deixa eu dizer”, “eu me referi”, “aí eu disse”, “não posso /posso dei/ é:: é:: deixar de dizer que eu me considero”, “e falo”, “embora eu acredite”, “eu votarei”, sempre referindo-se ao que foi dito por ele mesmo em um outro momento discursivo. Porém, há dois momentos no discurso em que ele insere a fala de outros: “me perguntaram” e “aí ele me pergunta”. Tanto o encaixamento do “eu” quanto do “ele” no enunciado construído por L1 são recursos metadiscursivos que promovem uma mudança de *footing*: “pois, obviamente, quando, em vez de dizermos algo nós mesmos, optamos pelo relato do que o outro disse, estamos mudando nosso *footing*” (Goffman, 2002:141).

(Exemplo 03)

¹ No momento em que o entrevistado responde uma pergunta elaborada pelo mediador, esse assume o status de ouvinte ratificado endereçado, já os adolescentes presentes no programa e os telespectadores possuem o status de platéia.

L1: porque... o Lula e outro dia num programa de rádio... outro dia num programa de rádio... outro dia emBOra eu ache que num segundo turno estaremos novamente eu e Lula... mas num ((gritos da platéia)) num programa ((gritos da platéia)) *me permitam dizer isso* ((gritos da platéia)) bom ((silêncio)) *mas deixa eu dizer... deixa/deixa eu dizer...* então eu estava num...num programa... num programa de rádio num debate... *e me perguntaram alguma coisa sobre o::... eleição e sobre:: o Lula ...e tal e eu me referi ao Lula como o companheiro Lula... e havia dentre os jornalistas dois que eram do PT... e eles intrigados com aquilo de companheiro companheiro *ai ele me pergunta...* mas pera aí... como chamá-lo de companheiro... ele não é seu companheiro... *ai eu disse* engano seu... nós fomos companheiros no:: na campanha das diretas... nós fomos companheiros na disputa pela presidência em 89... e hoje somos companheiros na mesma visão crítica que TEmos... do governo FHC... então *não posso /posso dei/ é:: é:: deixar de dizer que eu me considero HOje...* e nessas circunstâncias um companheiro... *e falo...e falo* que num segundo turno embora *eu acredite...* segura e sinceramente... que num segundo turno estaremos Lula e eu novamente reedidanto... a final de 89... se houver... se houver se...não der isso... e se der Fernando Henrique e Lula... *eu votarei* em Lula para presidente*

No exemplo 04, constatamos, também, uma das modalidades metadiscursivas (Risso e Jubran, 1998): a inserção de um discurso alheio como objeto de interpretação e avaliação. O entrevistador L3 insere a fala do entrevistado em seu enunciado como objeto de conclusão “se:: quer se submeter a um julgamento popular agora né?...” para formular a pergunta posterior.

O interlocutor L3, ao comprometer o entrevistado com o que disse, cria um enquadre de um político que menospreza o seu eleitorado. Porém, o entrevistado promove um realinhamento ao tentar mudar o enquadre criado por L3, utilizando em recurso metadiscursivo quando traz para seu enunciado uma avaliação do discurso produzido por L3: “você me atribui um poder de persuasão que não sei se tenho” .

Em seguida, Collor provoca uma outra mudança de *footing* sinalizada pelo marcador metadiscursivo “o que sei que eu tenho é o seguinte”. Sendo assim, L1 muda o enquadre “persuasão” construído por L3 e constrói um novo “é paixão e vontade”, não aceito pela platéia que produz gritos e risadas.

O locutor L1, percebendo que não foi compreendido como pretendia, reconstrói seu enunciado para conseguir a interpretação desejada para o seu novo enquadre: “não a paixão piegas ((risos)) não... não... cês estão entendendo...(...) é uma paixão no sentido de me dedicar integralmente àquilo que eu tô fazendo...”.

(Exemplo 04)

- L3: é:: eu quero saber se:::assim/se:: *quer se submeter a um julgamento popular agora né...* então eu quero saber se você não acha... que:: o seu poder de persuasão é maior que a capacidade de discernimento do povo... que não tem cultura... e não tem e...ducação necessária pra/e é facilmente manipulado? ((gritos e aplausos do auditório))
- L1: veja que:: ((gritos do auditório)) *você me atribui um poder de persuasão que eu não sei se tenho...* o que eu sei que tenho
- L?: { (incompreensível)
- L1: bom então se eu tenho obrigado ((risada do locutor e aplausos do auditório)) agora... agora... agora pessoal... *o que eu sei que tenho é o seguinte...* é o que muitos de vocês têm... eu não sei fazer nada na minha vida que não seja com paixão... com ardor e ((risos e gritos do auditório)) com vontade ((risos e gritos do auditório)) não não a paixão piegas ((risos)) não... não... *cês estão entendendo...* não é essa paixão não é essa paixão piegas *paixão piegas é uma paixão no sentido de me dedicar inTEgralmente* àquilo que eu tô fazendo... então... então... às vezes... às vezes... vocês é como ela entende a persuasão... ah:: *talvez seja a vontade que eu tenho de transmitir a Minha verdade* cada um tem a sua verdade... (...)

No exemplo 05, a seguir, o locutor L4 também organiza seu discurso com recursos metadiscursivos “primeiro eu queria dizer” e “e depois eu queria saber” (linha 422). Com isso, ele provoca dois encaixamentos, sinalizando duas mudanças de *footings*, o primeiro para enquadrar a sua opinião e a segunda mudança para realizar a pergunta como função discursiva da entrevistadora.

(Exemplo 05)

- L4: *primeiro eu queria dizer que* eu tenho esperança de que você não vá para o segundo turno... e *depois eu queria saber que::* você gostando tanto da natureza por que o senhor não fez nada pelo meio ambiente e:::

No segmento do exemplo seguinte, exemplo 06, o discurso do entrevistado é avaliado como incoerente: “você falou aqui... que:::.... ó... algumas é... incoerências aqui no seu discurso

tá... você falou”. Nesse primeiro enquadre, o locutor, L5, alinha-se como aquele que contestará a veracidade das informações proferidas por Collor no início do programa.

(Exemplo 06)

L5: ó... *você falou aqui*... que:::... ó... *algumas é... incoerências aqui no seu discurso tá... você falou* da equipe econômica do Fernando Henrique mas muitos membros da equipe econômica do Fernando Henrique foram... membros da sua e/equipe econômica como o Candir tá... o:: o... Renan Calheiros que é o ministro da:: da:: justiça que... *cê acabou de citar como... que você... não foi é::: culpado pela justiça não sei o que foi é :: teu colega de Alagoas é ministro da:: da justiça lá... você também falou do congresso nacional... só que no segundo turno da eleição... é::: a grande maioria do congresso... foi a favor seu... principalmente o PFL ou na época o PDS né toda a bancada deles eram a seu favor... e você tinha maioria do congresso no começo do governo... e outra coisa... você falou que... por falta talvez de memória nossa aqui... você era um considerado um azarão na campanha de 89... mas desde da convenção do PMDB por exemplo:: você já... já estava em primeiro lugar na... na eleição na pesquisa com que... pra/ explicar que a convenção do PMDB foi feita na mesma época que/que tamos hoje aqui pra eleição mais ou menos... você já era já era o primeiro lugar empatando com o Quércia né? na::: época na época daí elegeram o Ulisses Guimarães na convenção então você não era você não foi um azarão você falou que no no segundo turno as pessoas não votaram em você... porque::você tava ah:: é ...não:: ia:: é:: votar votavam em você porque não iam votar no Lula... só que desde o primeiro turno você já tinha quarenta por cento dos votos... tá e *agora eu vou fazer uma pergunta pra você* ((risos de Collor e aplausos do auditório)) ó tendo em vista a guerra civil colombiana que podemos presenciar neste momento ((gritos do auditório)) *eu quero dizer que... a guerra civil foi provocada na:: Colômbia... porque em 1958 pela aliança do::: partido conservador e o partido liberal que são... o equivalente no Brasil aos partidos conservadores da elite... burguesa... que governam o nosso país... eles chegaram a um acordo... e:: começaram a governar o país... pó/por democracia democraticamente e::: esse acordo fez surgir a sombra... a sombra desse governo... o as guerrilhas colombianas tipo FARCS e:: Exército de Libertação e etc e essas guerrilhas hoje comandam... é:: quarenta por cento do país junto com os grupos paramilitares lançados pelo... pela aristocracia rural e pelo governo norte-americano... *ai eu que/queria fa/falar eu queria que você* ((gritos do auditório)) *respondesse pra mim... eu queria se você não tem medo que /com a elite contínua no governo Brasil democrática com essa falsa democracia que governa hoje... o::: movimento sem terra se armar por exemplo... como se armaram os exércitos... de libertação da Colômbia se armarem... e provocar uma guerra civil no Brasil* ((aplausos e gritos))**

Prosseguindo, há uma nova mudança de *footing* quando L5 deixa de citar o que foi dito pelo entrevistado, para citar aquilo que de fato vai fazer em seu enunciado “agora eu vou fazer

uma pergunta pra você”: o locutor alinha-se como aquele que formulará uma pergunta, utilizando um marcador prefaciador.²

Em “eu quero dizer que...”, o locutor utiliza um marcador metadiscursivo estereotipado³ e encaixa-se no discurso com o uso do pronome “eu”, procurando alinhar-se como aquele que busca a perfeita compreensão de seu interlocutor.

Enfim, depois de contestar o que foi dito pelo entrevistado e propor a construção de sua pergunta com a preocupação de que seja compreendido, L5 novamente encaixa em seu discurso a fala do entrevistado, mas agora com uma expectativa do que espera de seu interlocutor: “aí eu que/queria fa/falar eu queria que você respondesse pra mim... eu queria se você não tem medo que”.

Considerações finais

Estudando as bases estruturais do *footing* pudemos observar que, entre os traços lingüísticos sinalizadores de sua mudança, encontram-se os marcadores metadiscursivos.

A metadiscursividade revelou-se como um recurso que pode ser utilizado estrategicamente para valorizar ou desvalorizar um discurso alheio, na interação entre interlocutores que possuem diferentes opiniões. Ao ser utilizado, ele marca um alinhamento do locutor de acordo com o enquadre pretendido.

O *footing* pode ser considerado um alinhamento, uma postura, uma projeção do “eu” estabelecida pelo locutor para si e para seus interlocutores em uma determinada situação.

A mudanças de *footing* podem ocorrer quando se altera o *status* participativo dos interactantes ou quando ocorrem os chamados encaixamentos (Goffman, 2002). Entendemos que a metadiscursividade, como um traço lingüístico, está associada aos encaixamentos que inserimos em nossas elocuições.

Assim, quando apontamos em nossa fala o discurso produzido em um outro enunciado, indicamos de quem é o discurso inserido ao projetarmos nele uma figura encaixada, “eu”, ou uma

² Segundo ROSA (1992:70), aqueles que têm “a função de anunciar o que vai ser dito a seguir”.

³ Segundo RISSO (1999), alguns marcadores metadiscursivos podem apresentar diferentes graus de estereotipia, em que alguns possuem formatos mais concisos e cristalizados e outros são formados por construções mais livres.

terceira pessoa, “ele”. Logo, se introduzimos um discurso alheio no nosso próprio discurso, precisamos promover um realinhamento, um *footing*, em função do novo enquadre que pretendemos construir.

Referências bibliográficas

- AQUINO, Z.G.O. Diálogos da mídia – o debate televisivo. In: PRETI, D. (org.) *Diálogos na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2005.
- BATESON, G. *Steps to an ecology of mind*. New York: Ballantine, 1972.
- _____. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, B. T. e GARCEZ, P. M. *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Loyola, 2002.
- BORILLO, A. Discours ou Métadiscours? *DRLAV Revue de linguistique* (32). Paris: Centre de Recherche de l’Université de Paris VIII, 1985.
- GOFFMAN, E. Footing. In: RIBEIRO, B. T. e GARCEZ, P. M. *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Loyola, 2002.
- GUMPERZ, J.J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, B. T. e GARCEZ, P. M. *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Loyola, 2002.
- HILGERT, J.G. O falante como o observador de suas próprias palavras: retomando aspectos metadiscursivos na construção do texto falado. In: PRETI, D. (Org.) *Oralidade em diferentes discursos*. São Paulo: Humanitas, 2006.
- JUBRAN, C.C.A.S. A metadiscursividade como recurso textual-interativo em entrevista televisiva. In: BARROS, K. S. M. (org.). *Produção textual: interação, processamento, variação*. EDUFRN, 1999.
- RISSO, M. S. A propriedade auto-reflexiva do metadiscorso. In: BARROS, K. S. M. (org.). *Produção textual: interação, processamento, variação*. EDUFRN, 1999.
- _____. e JUBRAN, C.C.A.S. O discurso auto-reflexivo: processamento metadiscursivo do texto. In: *Delta*. São Paulo: EDUC, 1998.
- ROSA, M. *Marcadores de atenuação*. São Paulo: Contexto, 1992.
- SILVA, L.A. Estruturas de participação e interação na sala de aula. In: PRETI, D. (org.) *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2003.

TANNEN, D. *Framing in discourse*. New York: Oxford University Press, 1983.

_____. e WALLAT, C. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação. Exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO, B. T. e GARCEZ, P. M. *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Loyola, 2002.